

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
GOIANO – CAMPUS RIO VERDE  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM FORMAÇÃO  
DE PROFESSORES E PRÁTICAS EDUCATIVAS

**A NOÇÃO DE RAÇA E RACISMO NOS DISCURSOS DE  
CONSTRUÇÃO E APRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS  
NEGROS NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASI-  
LEIRA**

Autora: Roselina Aguiar  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fátima Suely Ribeiro Cunha  
Coorientador: Prof. Dr. Danilo Vizibeli

RIO VERDE – GO  
Agosto – 2021

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
GOIANO – CAMPUS RIO VERDE  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM FORMAÇÃO  
DE PROFESSORES E PRÁTICAS EDUCATIVAS

**A NOÇÃO DE RAÇA E RACISMO NOS DISCURSOS DE  
CONSTRUÇÃO E APRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS  
NEGROS NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASI-  
LEIRA**

Autora: Roselina Aguiar  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fátima Suely Ribeiro Cunha  
Coorientador: Prof. Dr. Danilo Vizibeli

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte das exigências para obtenção do título de Especialista em Formação de Professores e Práticas Educativas no Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Formação de Professores e Práticas Educativas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Rio Verde.

RIO VERDE – GO  
Agosto – 2021

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP  
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
**Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano**

Aguiar, Roselina

A noção de raça e racismo nos discursos de construção e apresentação de personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira / Roselina Aguiar; orientadora Fátima Suely Ribeiro Cunha; co-orientador Danilo Vizibeli. -- Rio Verde, 2021.

22 p.

Monografia (Pós-graduação Lato Sensu em Formação de Professores e Práticas Educativas) -- Instituto Federal Goiano, Campus Rio Verde, 2021.

1. Análise de Discurso Francesa. 2. Raça. 3. Racismo. 4. Relações Étnico-Raciais. I. Suely Ribeiro Cunha, Fátima, orient. II. Vizibeli, Danilo, co-orient. III. Título.

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

**IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA**

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Tese                                   | <input type="checkbox"/> Artigo Científico              |
| <input type="checkbox"/> Dissertação                            | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro              |
| <input checked="" type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro                          |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação                        | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo:  |   |

Nome Completo do Autor: Roselina Aguiar

Matrícula: 2019202302360342

Título do Trabalho: A noção de raça e racismo nos discursos de construção e apresentação de personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira

**Restrições de Acesso ao Documento**

Documento confidencial:  Não  Sim, justifique: \_\_\_\_\_

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: 10/12/2021

O documento está sujeito a registro de patente?  Sim  Não

O documento pode vir a ser publicado como livro?  Sim  Não

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O/A referido/a autor/a declara que:

1. O documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
2. Obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
3. Cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Rio Verde, 16/08/2021



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Ata nº 41/2021 - CCEG-MO/CEG-MO/DE-MO/CMPMHOS/IFGOIANO

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**

**ATA Nº/18**

**BANCA EXAMINADORA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO**

Aos vinte e três dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e um, às 16h00min (Dezesseis horas), reuniram-se os componentes da banca examinadora em sessão pública realizada por videoconferência, para procederem a avaliação da defesa de trabalho de conclusão de curso, em nível de especialização, de autoria de **ROSELINA AGUIAR**, discente do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Formação de Professores e Práticas Educativas do Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde. A sessão foi aberta pela presidente da Banca Examinadora, Prof. Dra. Fátima Suely Ribeiro Cunha, que fez a apresentação formal dos membros da Banca. A palavra, a seguir, foi concedida a autora para, em 20 min., proceder à apresentação de seu trabalho intitulado **A noção de raça e racismo nos discursos de construção e apresentação de personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira**. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu a examinada, tendo-se adotado o sistema de diálogo sequencial. Terminada a fase de arguição, procedeu-se a avaliação da defesa. Tendo-se em vista as normas que regulamentam o Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Formação de Professores e Práticas Educativas, e procedidas às correções recomendadas, ao trabalho de conclusão de curso foi **APROVADO**, considerando-se integralmente cumprido este requisito para fins de obtenção do título de Especialista em Formação de Professores e Práticas Educativas, pelo Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde. A conclusão do curso dar-se-á quando da entrega na secretaria do Pós-Graduação Lato Sensu em Formação de Professores e Práticas Educativas do Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde da versão definitiva do Trabalho de Curso, com as devidas correções. Assim sendo, a defesa perderá a validade se não cumprida essa condição, em até 60 (sessenta) dias da sua ocorrência. A Banca Examinadora recomendou a publicação dos artigos científicos oriundos desse Trabalho de Curso em periódicos após procedida as modificações sugeridas. Cumpridas as formalidades da pauta, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de Trabalho de Curso, e para constar, foi lavrada a presente Ata, que, após lida e achada conforme, será assinada eletronicamente pelos membros da Banca Examinadora.

Membros da Banca Examinadora

<b>Nome</b>	<b>Instituição</b>	<b>Situação no Programa</b>
Fátima Suely Ribeiro Cunha	IFGoiano – Campus Morrinhos	Presidente
Danilo Vizibeli	IFSULDEMINAS	Coorientador
Patrícia Gouvea Nunes	IFGoiano-Campus Rio Verde	Membro Titular
Eduardo Pacheco	IFGoiano-Campus Rio Verde	Membro Titular

Documento assinado eletronicamente por:

- **Patricia Gouvea Nunes, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 18/05/2021 20:06:16.
- **Danilo Vizibeli, Danilo Vizibeli - Professor Avaliador de Banca - If Sul de Minas Gerais (1)**, em 18/05/2021 17:43:22.
- **Eduardo Jose Pacheco, PEDAGOGO-AREA**, em 18/05/2021 17:19:01.
- **Fatima Suely Ribeiro Cunha, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 18/05/2021 16:14:51.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 18/05/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 269837

Código de Autenticação: 27773ad37a



INSTITUTO FEDERAL GOIANO  
Campus Morrinhos  
Rodovia BR-153, Km 633, Zona Rural, None, MORRINHOS / GO, CEP 75650-000  
(64) 3413-7900

# A NOÇÃO DE RAÇA E RACISMO NOS DISCURSOS DE CONSTRUÇÃO E APRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS NEGROS NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA

Roselina AGUIAR<sup>1</sup>  
Fátima Suely Ribeiro CUNHA<sup>2</sup>  
Danilo VIZIBELI<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta um exercício de análise, resultante de uma pesquisa, que objetivou investigar e destacar os efeitos de sentido que os discursos podem produzir nas narrativas sobre histórias de negros nas obras de literatura infanto-juvenil, no sentido de identificar as noções de raça e racismo, bem como os aspectos do quilombismo que emergem desses discursos. O estudo é de natureza qualitativa e as análises do corpus selecionado foram realizadas com aporte nos dispositivos analíticos da Análise de Discurso Francesa, ancorados nos estudos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. O corpus de análise é composto por recortes extraídos de textos de variados autores que tratam da temática, a saber: “Chico-Rei”, de Renato Lima; e “O menino Nito”, de Sônia Rosa. As análises sinalizam que os discursos podem produzir efeitos de sentidos que não são previstos pelos autores, como a associação ao fenótipo, entre outras ideias racistas e preconceituosas sobre o negro e sua história na constituição da sociedade brasileira, colocando-o em situação de inferioridade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso Francesa; Raça; Racismo; Relações Étnico-Raciais.

Speeches on race and racism and black characters in children and youth literature

**ABSTRACT:** This article presents an exercise of analysis resulting from a research that aimed to investigate and highlight the effects of meaning that discourses can produce in narratives about stories of black people in children's literature in order to identify the notions of race and racism, as well as the aspects of quilombism that emerge in these discourses. The study is qualitative in nature and the analysis of the selected corpus was carried out with the support of the analytical devices of French Discourse Analysis, anchored in the studies of Michel Pêcheux and Eni Orlandi. The corpus of analysis is composed of clippings extracted from texts by several authors that deal with the theme, namely: "Chico-Rei" by Renato Lima; and "O menino Nito" by Sônia Rosa. The analyses indicate that the discourses can produce effects of meaning that are not foreseen by the authors,

---

<sup>1</sup> Instituto Federal Goiano (IF Goiano). Rio Verde – GO. Brasil. aguiaroselina@gmail.com. ORCID: 0000-0002-9419-7902

<sup>2</sup> Instituto Federal Goiano (IF Goiano). Morrinhos – GO. Brasil. fatima.suely@ifgoiano.edu.br. ORCID: 0000-0002-3975-4630

<sup>3</sup> Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS). Passos – MG. Brasil. intertextopassos@gmail.com. ORCID: 0000-0002-4456-0216

such as the association of skin color with poverty, banditry, rascality, homosexuality, among other racist and prejudiced ideas about the black man and his history in the constitution of Brazilian society, placing him in a situation of inferiority.

**KEYWORDS:** French Discourse Analysis; Race; Racism; Ethno-Racial Relations.

## **Introdução**

A pesquisa proposta tem como foco os discursos presentes nos livros de literatura infanto-juvenil, distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC), como sugestão para trabalhar as questões étnico-raciais nas escolas. De acordo com a Lei nº 10.639, aprovada em 2003 e alterada pela Lei nº 11.645/08, as questões étnico-raciais são de suma importância e devem ser abordadas no contexto educacional, visando minimizar o preconceito racial e também evidenciar a valorização da cultura afro por seus descendentes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), bem como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao tratarem sobre a educação das relações étnico-raciais sugerem que, preferencialmente, as áreas de Literatura, Artes e História deverão ser responsáveis pela inclusão da temática de História da África. A conscientização, por meio da literatura, contra o racismo na escola é um objetivo resultante da implementação da Lei nº 10.639, aprovada em 2003.

Dessa forma, é necessário que os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, desde os primeiros anos do ensino fundamental, compreendam as origens do conceito social, a partir dos teóricos Kabelege Munanga e Abdias Nascimento, de raça e racismo e que conheçam os pressupostos do quilombismo, para que superem sentidos previamente construídos, incorporando uma educação antirracista para a construção de uma sociedade com princípios de equidade social e respeito às diversidades culturais do nosso país. Como nos diz Munanga (2005), “cremos que a educação é capaz de oferecer, tanto aos jovens, como aos adultos, a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados” (p. 17).

É importante ressaltar que quilombismo é aqui tratado como um conceito que coloca em prática as necessidades dos afro-brasileiros, o qual deve conter a veracidade dos fatos, de acordo com as normas da sociedade afro-brasileira, em que deve exprimir a vivência do contexto social, reflexões políticas, econômicas e morais da sociedade afro-brasileira. Portanto, incorpora o

indivíduo nos processos históricos, possibilitando sua capacidade de lutar pelos seus direitos. Assim, a tarefa da sociedade afro-brasileira é edificar as raízes do quilombismo (NASCIMENTO, 1980).

Nas palavras de Nascimento (1980):

O povo negro-africano escravizado é o fundador, na prática, do conceito científico histórico-cultural do quilombismo. Quilombismo continuado por outros heróis da história negra: Luísa Mahin e seu filho Luís Gama, Chico-Rei, os enforcados da Revolta dos Alfaiates, dos levantes dos Malês, da Balaiada, o Dragão do Mar, Karocango, João Cândido, e os milhões de quilombolas assassinados em todas as partes do nosso território, onde houve o infame cativo (NASCIMENTO, 1980, p. 18).

Tendo em vista nossas experiências com projetos pedagógicos que envolvem a temática das relações étnico-raciais, assim como a nossa aproximação com a literatura infanto-juvenil, dedicamos atenção especial às literaturas<sup>4</sup> indicadas pelo Ministério da Educação (MEC), para abordar as relações étnico-raciais na escola. Lendo alguns desses livros, observamos que a maioria deles aborda histórias sobre o respeito às diferenças, supondo a possibilidade de um tratamento igualitário a todas as pessoas, independentemente da cor da sua pele.

Partimos da hipótese de que os discursos presentes nesses livros podem produzir diferentes efeitos de sentido, podendo contribuir para a manutenção das ideias racistas, na medida em que não problematizam o contexto histórico e cultural do surgimento das ideias de raça e racismo, sinalizando o não reconhecimento da existência do racismo e do preconceito na sociedade, bem como dos ideais do quilombismo. Entendemos que o objetivo principal da literatura infanto-juvenil, nessa área, deve ser contribuir para a superação da noção de raça e racismo e a valorização da cultura quilombista no Brasil.

Assim, questionamos: que efeitos de sentido podem produzir os discursos presentes nas literaturas infanto-juvenis que narram histórias de personagens negros no Brasil? Como a ideia de raça e racismo emerge desses discursos? É possível identificar aspectos do quilombismo nesses discursos? Buscando nos aproximarmos de possíveis respostas, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, que objetivou investigar e destacar os efeitos de sentido que os discursos podem produzir nas narrativas sobre histórias de negros nas obras de literatura infanto-juvenil, no sentido

---

<sup>4</sup> PNBE na escola: literatura fora da caixa / Ministério da Educação; elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. – [Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014].

de identificar aspectos e noções de raça e racismo, bem como os aspectos do quilombismo que emergem como efeitos desses discursos.

Propomos um estudo de natureza qualitativa, por se tratar de uma perspectiva que não se restringe à adoção de uma teoria, de um paradigma ou de um único método, mas permite utilizar uma multiplicidade de procedimentos, técnicas e pressupostos (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002). As informações serão produzidas por meio de pesquisa bibliográfica, tendo como foco livros e artigos científicos.

Como referencial teórico-analítico, buscamos aporte na Análise de Discurso Francesa (AD), com base nos estudos de Pêcheux (1998), bem como nos estudos de autores que discutem questões que envolvem as relações étnico-raciais no Brasil, tais como Abdias Nascimento e Kabengele Munanga.

Desse modo, para organizar o texto, optamos por iniciar com a apresentação dos pressupostos teóricos-metodológicos e analíticos que fundamentam nosso olhar para o discurso investigado, já sinalizando o percurso metodológico seguido nesta pesquisa, a fim de situar o leitor quanto ao referencial utilizado. Assim, faremos uma breve incursão nos conceitos da Análise de Discurso Francesa, com base nos estudos de Orlandi (2004), destacando o conceito de discurso, de condições de produção e formação discursiva, buscando destacar a nossa compreensão sobre efeito de sentido destacado no nosso exercício de análise.

Na sequência, falaremos sobre as condições de produção da ideia de raça e racismo presente nos discursos que permeiam a sociedade, com base nos estudos de Munanga (2005; 2014) e Nascimento (1980); trazendo, também, uma sistematização da noção de quilombismo. O exercício de análise do *corpus* discursivo selecionado será apresentado, evidenciando os possíveis efeitos de sentido produzidos no discurso sobre as questões levantadas, associados a uma noção de raça e racismo, a qual predomina em nossa sociedade, seguidos das considerações finais.

## **2 Aspectos Teórico-Metodológicos**

### **A Análise de Discurso de linha francesa como possibilidade à análise da literatura**

Com base nos estudos de Orlandi (2004), a Análise de Discurso (AD) surgiu na França, em meados de 1960, sendo um de seus fundadores o filósofo Michel Pêcheux. A AD é uma teoria-

metodologia que emerge da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise. Seu foco de estudo não é a função da língua a partir da sua estrutura, mas do seu funcionamento, a língua em movimento, o sujeito falando, produzindo sentidos, ou seja, o discurso.

Pêcheux (1998, p. 82) concebe o discurso como “efeito de sentido entre locutores”, isso quer dizer que os efeitos de sentido têm conexão com os diferentes significados que um mesmo discurso, uma mesma palavra, pode assumir, conforme a formação discursiva em que é produzida. Por exemplo, ao inserirmos a palavra “manga” em uma fala, o vocábulo pode assumir o sentido de “manga de roupa” ou de “uma fruta”, a depender dos determinantes sociais, históricos e ideológicos que constituem o contexto em que o discurso é produzido.

Como referencial teórico-analítico, a AD permite-nos questionar sobre como os discursos de raça e de racismo foram produzidos, executam sentido nos textos de literatura infanto-juvenil e nos ajuda a entender, a partir de aspectos das condições de produção desses discursos para, então, compreendermos o efeito de sentido que esses discursos podem produzir na literatura investigada. Essas condições de produção podem ser amplas ou estritas. As condições de produção amplas englobam, nas palavras de Orlandi (2004, p. 30), o contexto sócio-histórico-ideológico, nesse caso, o período em que o texto foi produzido, o lugar, os determinantes ideológicos e as condições de produção restritas, que se assemelham com as circunstâncias da enunciação, ou seja, o livro de literatura, a pesquisadora, e os aspectos que permeiam o contexto imediato.

É a partir das condições de produção que podem configurar uma ou outra formação discursiva (FD). Segundo Pêcheux (1998, p. 60), FD é “(...) aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.

No percurso desta pesquisa, procuramos seguir as etapas sugeridas ao analista de discurso (ORLANDI, 2004). Assim, iniciamos com a definição do objeto de análise e o tema da pesquisa. Neste caso, temos como objeto o discurso. Esse objeto inclui-se na temática das relações étnico-raciais, de onde partimos para delimitar as suas condições de produção; na sequência, a constituição do arquivo da pesquisa que, no nosso caso, são os textos: Chico-Rei de Renato Lima; e o Menino Nito, de Sônia Rosa. Esses textos estão presentes em livros de literatura infanto-juvenil brasileira que exploram as relações étnico-raciais, utilizados nos anos finais do ensino fundamental e foram selecionados no acervo da biblioteca da Escola Municipal Armando Gomes da Fonseca, da cidade de Montividiu - Goiás.

Após proceder à leitura dos textos selecionados, passamos ao recorte do *corpus* discursivo. Conforme Orlandi (1986, p. 121), o recorte é entendido como uma “unidade discursiva que se constitui de fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação”. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva, é a materialidade, a partir da qual será desenvolvido o exercício de análise. Dando sequência, realizamos, mais uma vez, a leitura do *corpus* selecionado e destacamos as sequências discursivas (SD) que serão apresentadas e analisadas à luz da AD.

### **As condições de produção do discurso: raça e racismo**

Partimos do entendimento de que existe um conceito ou um significado pré-estabelecido das palavras, ou seja, o que se pretende difundir, cristalizar como sentido único. Munanga (2014) nos diz que, de acordo com a etimologia da palavra, o significado do termo raça veio do italiano *razza*, por sua vez do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie, e que o conceito de raça foi usado, pela primeira vez, na Zoologia e na Botânica para catalogar as espécies animais e vegetais. O [...] “naturalista sueco Carl Von Linné, conhecido em Português como Lineu (1707-1778), usou o conceito de raça para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação, hoje, inteiramente abandonada” Ibidem, p.1, 2003.

Segundo Munanga (2014), não se deve usar essa classificação de raça para seres humanos, e sim, no mundo contemporâneo, a designação etnia, significando um conjunto de indivíduos que compõe a estrutura social, psicológica, histórica, tem um ancestral comum, com as mesmas finalidades em relação a idioma, território, cultura e religião. De acordo com o parecer do campo das ciências biológicas, tal qual empregamos hoje, percebe-se que:

Combinando todos esses desencontros com os progressos realizados na própria Ciência biológica (genética humana, biologia molecular, bioquímica), os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram à conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas apenas um conceito, aliás, cientificamente inoperante, para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas (MUNANGA, 2014, p. 5).

Portanto, esse termo não deve ser usado para designar uma determinada nação, e sim pode-se utilizar civilização ou sociedade africana, asiática, indígena, ou seja, todos os indivíduos ou população que pertencem a mesma etnia.

Já a noção de racismo é um (pré) conceito criado e disseminado, a partir da ideia raça, com uma conotação negativa que carrega a intenção de dividir e classificar a humanidade. Nas palavras de Munanga (2014):

Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo que estes últimos são suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas (Ibidem, p. 7).

Munanga (2014) defende que o racismo é uma crença que tem valores desiguais na hierarquia da sociedade, pela relação inerente ao físico, intelectual, moral e o cultural. Assim, o racismo, na mente do indivíduo, não é formado por um grupo com traços físicos, e sim de um grupo com traços culturais, linguísticos, religiosos. O autor identifica que, a partir da década de 1970, a concepção clássica do racismo, baseada nas ciências biológicas, começa a mudar, deixando de acreditar na realidade científica da raça. Surge, então, uma nova ou ideológica concepção de racismo que se baseia na noção de etnia, defendida como grupo cultural.

Nessa perspectiva, a noção de raça para seres humanos não existe biologicamente, mas é um conceito enraizado em um discurso eurocêntrico determinista. É difícil (re)significar a noção de raça que fundamenta os discursos que constituem os sujeitos e, dessa forma, é, também, um ponto de luta contra a exclusão das diferentes etnias, em especial, dos negros.

### **As relações étnico raciais presentes na literatura infantil e infanto-juvenil**

Partimos da percepção apresentada por Souza e Lima (2006), sobre a literatura afro-brasileira ou literatura negra, sendo esta uma das grandes discussões no meio acadêmico, destacando-a na afirmação de que a “[...] utilização do prefixo ‘afro’ não consegue evitar os mesmos problemas já verificados no uso da expressão ‘literatura negra’ [...]” (p. 147). Segundo os autores, esses termos são usados para caracterizar a expressão literatura negra, e eles preferem esta terminologia àquela, pois ao marcar como “negra”, marca-se a identidade de um povo em emancipação da sua representatividade e identidade no Brasil. Com base nesta temática, contudo, há posicionamentos que veem

a questão da terminologia como não essencial, pois visa apenas a uma particularidade em relação ao estudo artístico e literário ou uma cultura, em especial.

De acordo com o contexto, deveria ser discutida e apresentada a cultura de um povo de modo geral, não apenas as suas singularidades, não levar em conta apenas a cultura afro-brasileira e cultura negra, mas as suas histórias de lutas e de conquistas. Sendo assim, outros teóricos reconhecem como necessárias as singularidades, devido à complexidade de uma cultura, o que torna imprescindível igualar o uso do termo “afro-brasileira”, fazendo-se necessário para designar a produção de obras literárias no Brasil. Portanto, grande parte dos escritores negros e afro-brasileiros não é conhecida pelos leitores, não fazendo parte do cotidiano escolar (SOUZA; LIMA, 2006).

Por meio dessa problemática que escolhemos os autores da literatura infanto-juvenil que representam as questões étnico-raciais na literatura afro-brasileira. Tratam-se de livros escritos por autores negros e brancos sobre os negros, com objetivo de não apenas narrar a vida e a situação dos afrodescendentes, mas trazer esses indivíduos como sujeitos de reflexão sobre racismo, discriminação, identidade, preconceito, em que são representados nos livros da literatura afro-brasileira. Entre vários escritores afrodescendentes, negros e brancos, foram escolhidos para análise das suas respectivas obras: Chico-Rei, escrito por Renato Lima; e O menino Nito, da autora Sônia Rosa.

No campo educacional, o professor deve estar em constante formação, uma vez que as transformações acontecem de forma acelerada e é necessário se preparar para executar a sua prática educativa. Além disso, é uma das áreas relevantes para compreender as “entrelinhas” para despertar, no aluno, assuntos que, muitas vezes, estão velados por pertencermos a uma sociedade etnocêntrica e patriarcal. Assim, faz-se necessário trazer essas discussões para a sala de aula de forma leve e que instigue o aluno a pensar e refletir. Diante desta temática, abordamos, nesta pesquisa, análises dos livros de literatura infanto juvenil “Chico-Rei” de Renato Lima e “O menino Nito” de Sônia Rosa.

A escritora Sonia Rosa nasceu no Rio de Janeiro em 1959 (RJ), é professora, contadora de Histórias, orientadora educacional, escritora. Trabalha na rede pública por mais de 20 anos, sempre gostou de contar histórias para os vizinhos e amigos, sendo assim, a contação de histórias está presente na sua vida, passando a inventar suas próprias histórias. Sonia Rosa sempre quis ser professora. “Nesse período, não tive livros em casa, mas havia as narrativas e o afeto, que são o diferencial. Minha mãe (baiana que chegou ao Rio com 16 anos) contava as histórias de seu repertório vasto” (ROSA, 2019).

Dessa forma, na infância, fazia parte de uma sociedade em que nem todos tinham privilégios, perante uma situação de empobrecimento e com tantas dificuldades, então, sempre teve o objetivo de ser professora, nunca quis ser escritora; nessa circunstância, esse sonho não fazia parte da minha vida. Para tanto, conseguiu ser professora, apaixonando-se, assim, pelas letras. Por meio da aprovação do curso para magistério público, iniciei a contação de história para meus alunos. “Levava Ruth Rocha, Ziraldo, autores que lá estavam quando iniciei minha carreira” (ROSA, 2019).

Segundo a escritora, ela gostava de escrever diário, demorando muitos anos para escrever seu primeiro livro de literatura infantil, sendo um mercado literário muito seletivo. Em 1988, o livro, enfim, foi escrito e publicado em 1995, *O Menino Nito*, sendo relançado pela Editora Pallas em 2002; já pensava em um protagonista negro, seria sua identidade para obra literária. O menino Nito é um menino lindo, negro, que se torna companheiro dos meninos das escolas. Nos seus livros, frequentemente, são abordadas as temáticas relacionadas à origem afrodescendente, sendo um assunto importante sobre os estudos de temática étnico-racial.

Portanto, sendo professora e mulher negra, sentia o dever de abordar temáticas sobre a negritude, pois era um conhecimento furtado das nossas vidas. Diante disso e por meio da lei 10.639.003, em que as escolas têm compromisso e responsabilidade de trazerem, aos alunos, as temáticas étnico raciais, viabilizando a integração das raízes africanas e afro-brasileira na formação da identidade dos afrodescendentes, a autora percebeu o trabalho da literatura, a qual não se ensina, sendo responsabilidade de ser compartilhada, a todo instante, do início da aula até final, através da contação de histórias.

O escritor Renato Lima é nascido no Rio de Janeiro em 1955, bancário e sindicalista, formado em Filosofia pela UERJ e mestrando em História na UFF. Para o escritor, escrever o livro “Chico Rei” oportunizou um diálogo com a juventude sobre nossa formação cultural, significando uma idealização camuflada sobre as questões étnico-raciais, que geram conflitos entre negros africanos, indígenas e europeus. Dessa forma, foram criados estereótipos, mitos, opressão, resistências, fé, sincretismos que fazem parte da nossa música, literatura, cultura, dança, e festas populares. Todavia, em um período marcado pela intolerância religiosa, genocídio, racismo e uma falsa democracia racial, é muito importante resgatar nossa cultura popular, a qual faz parte das raízes africanas e afro-indígenas na sociedade brasileira (LIMA, 2008).

Os livros infanto-juvenis trazem, em seu contexto, mensagens que estão implícitas e que muitos alunos ainda não têm maturidade para perceber. Assim, é fundamental que o professor instigue, aponte caminhos e possibilidades, para que o aluno possa ver e ir além do que está escrito. Desse modo, as obras literárias analisadas neste artigo abordam questões que se refletem na sociedade contemporânea, interferindo no comportamento do indivíduo.

Entendemos que estas questões devem ser trabalhadas em sala de aula, de uma forma em que os alunos possam perceber o contexto social, no qual, estão inseridos e, a partir daí, ter condições de propor ações que irão transformar o meio em um lugar mais justo, igualitário e despido de qualquer forma de preconceito. Questões estas que estão latentes em nossas vidas, pois abordam o preconceito racial, racismo/raça e quilombismo. Assim, evidenciamos a necessidade de conhecermos tais conceitos.

O preconceito racial. A discriminação racial contra o negro no Brasil é um problema social, e não racial. Sendo assim, a maioria dos problemas no Brasil é de cunho social, e provocado pelas diferenças de classes econômicas, não pela superioridade do branco e inferioridade do negro. As diferenças estão enraizadas na sociedade brasileira, fazem parte do ponto de partida para formação de diversos tipos de discriminação e de práticas de preconceito, que fazem parte do discurso ideológico. O preconceito racial é baseado nas diferenças e na formação ideológica da sociedade (MUNANGA, 2018).

A raça é um conceito empregado, hoje, na nossa sociedade, o qual nada tem de biológico, sim ideológico que camufla o verdadeiro sentido do discurso ideológico, não visível sobre relação de poder e dominação na sociedade (MUNANGA, 2014). De acordo com discurso ideológico sobre o racismo, conceituado a partir de raça, contudo, baseado nas duas relações sobre noções, fundamenta-se uma ideologia que separa a humanidade em grandes grupos chamados raças, que baseiam em características físicas, morais, intelectuais e psicológicas, que provocam a exclusão social na sociedade.

O Quilombismo é um conceito científico histórico-social que faz parte da sociedade brasileira, demonstrando o período em que o negro foi escravizado no Brasil-colônia, Império e República, no qual, o modo de produção escravista era vigente no país. O quilombismo expressa a ciência negra no Brasil, com “derramamento de sangue”, fruto do trabalho escravo dos negros, sendo abolido da sociedade brasileira. O Quilombismo é um movimento político dos negros brasileiros, tendo como objetivo a implantação do Estado Quilombista. Dessa forma, o Quilombismo

pretende resgatar a integridade da população negra que exprime a vivência da cultura, prática da coletividade negra, levando-se em consideração esses aspectos, para incorporar a integridade do negro no processo histórico, visando sua capacidade de luta (NASCIMENTO,1980).

## **O exercício de análise do discurso: efeitos de sentido**

### **O negro contado por um outro negro na narrativa de “Chico Rei”**

Nessa pesquisa, trabalhou-se com narrativas da literatura infanto-juvenil, junto à obra “Chico Rei”, de Renato Lima, em sala de aula na disciplina de História, fazendo uma contextualização histórica sobre a mineração, conteúdo do ensino fundamental II, dos oitavos anos, na Escola Municipal Armando Gomes da Fonseca, na cidade de Montividiu-GO. Uma obra literária importante que evidencia representatividade do negro na luta pelos seus direitos na sociedade colonial no Brasil.

Segundo Pêcheux (1998), as narrativas estão estruturadas nas experiências sociais e pessoais que estão incluídas na língua e na história, fazendo parte de uma memória discursiva com características sociais. O livro “Chico-Rei” apresenta uma narrativa com enfoque na voz de outro personagem sobre a escravidão contemporânea, sobre a resistência na luta pela liberdade.

Para tanto, começa-se a reflexão pelo enunciado presente no livro: “Os mercadores de escravos iam à África e aprisionavam homens e mulheres, tirando-os de suas famílias. Embarcavam-nos em grandes navios com velas de pano grosso chamados caravelas”. [...] (LIMA, 2011, p. 6).

Os negros seriam comercializados na Europa e América, viviam em sistema tribal, com sua própria cultura e religião e dialetos. Cada tribo tinha um rei, sendo que Chico Rei era rei de uma tribo no Congo, e o seu verdadeiro nome era Galanga. Quando os africanos chegaram ao Brasil em navios negreiros, eram comercializados e obrigados a trabalharem na mineração; assim, ao serem vendidos, eram batizados com outro nome, perdendo totalmente as suas raízes africanas e sua identidade cultural. Desse modo, está presente até hoje, no imaginário coletivo, a ideia de racismo, conceituado como descrição de raça inferior: “Galanga foi então batizado com nome cristão de Francisco, daí o apelido Chico Rei”. (LIMA, p. 01, 2011).

O batizado do cativo com um nome cristão era uma maneira de dominação sobre o homem negro e escravo, inserindo os ensinamentos católicos dos portugueses: - Pois é, contam que ele se

chamava Galanga e que era um rei de uma tribo lá no Congo.” (LIMA, 2008, p. 8). O escravo recebe um novo sobrenome que designava o nome do porto africano de onde havia embarcado. Sendo assim, a trajetória do negro realizava-se sob o racismo com a nova nomeação feita pelo homem branco. Segundo os traços fenotípicos, todos aqueles que eram conhecidos como africanos e afrodescendentes. Portanto, o racismo desenvolve-se com base nos princípios do colonialismo e do capitalismo, provocando a discriminação e desigualdade social do africano e afrodescendente.

De acordo com classificações grotescas, como modernidade\colonial, em que fizeram distribuições dos povos do mundo e, diante dos fatos, se evidenciaram os esquecimentos de outras formas de conhecimento dos outros povos. A seguir, o recorte mostra a presença do racismo epistêmico. “Os cantos batuques e danças funcionam como uma lembrança de que sua cultura, mesmo longe da África, mesmo sob opressão, está viva e presente na cultura do nosso povo.” (LIMA, 2008, p. 13). Percebe-se que o combate contra desigualdade social necessita de várias estratégias contra o eurocentrismo, este pensamento dominante na Europa.

Os procedimentos vigentes eram por meio do resgate dos saberes das civilizações africanas, indígenas, afro-brasileiras, as quais foram marginalizadas pela sociedade ocidental. Assim, foi, e é, necessário desenvolver a criatividade para enfrentamento da classe dominante, que oprime os sujeitos que pertencem a outras etnias, diversidades culturais. Sendo assim, despertar o processo de descolonização do conhecimento, tal qual educação, tendo que cumprir seu papel criativo, crítico, se faz significativo na atualidade.

“Ia comprando alforria dos negros de sua tribo, que passavam a trabalhar na mina contribuindo para libertar outros escravos. Imagine só como aquelas pessoas se sentiam: trazidas à força da África, onde eram guerreiras” [...]. (LIMA, 2008, p. 9). O trecho destacado sugere que a forma de conseguir o ouro era roubando, visto que os escravos não eram pagos pelos seus serviços. Esse possível efeito de sentido de “negro”, associado a ladrão, bandido, fora da lei, malandro está presente até hoje no imaginário coletivo e reforça a ideia de racismo que se tenta combater: entendido como raça inferior. Dessa forma, o discurso tende a valorizar a percepção negativa do negro, inviabilizando a reflexão do leitor sobre o contexto sócio-histórico-ideológico, possibilitando que essa suposta ação seja atribuída à raça, na realidade imposta pelo racismo social.

“Imagine só como aquelas pessoas se sentiam: trazidas à força da África onde eram guerreiros, agricultores, artesãos, com suas crenças e costumes” (LIMA, 2008, p. 10). De acordo com o pensamento eurocêntrico, os povos de culturas, hábitos, etnias e religião africanas foram

considerados inferiores, atrasados em relação à Europa (CARONIL, 1996). Por fim, predomina-se o conceito de raça das civilizações que pertencem a outros grupos culturais.

No discurso colonial, o corpo do colonizado ficou desprovido de seus direitos legais, ideológicos e saberes, sendo meros dominantes, diante dos dominadores, e se tornaram mão de obra do sistema econômico (COSTA & SILVA, 2007). “Os negros trabalhavam muito nas minas, tirando o ouro que era vendido pelos seus donos, chamados senhores de escravos. Muitos escravos fugiam, se escondendo nas matas.” (LIMA, 2008, p. 9). No período colonial e imperial, formaram os quilombos que foram construídos pelos negros africanos, afrodescendentes fugidos da escravidão em busca da liberdade. Os negros que fugiam se refugiavam com outros em locais fortificados no meio da mata, lutando contra o sistema colonial.

A quilombagem é a luta do negro, no passado e presente, é uma resposta ao racismo em nosso país que manteve o negro, durante séculos, submetido à estrutura do poder político, econômico, sendo assim, o quilombismo é um movimento de militância panafricanista. (NASCIMENTO, 1980). “Os negros lutaram muito, e lutam até hoje, para terem seus direitos reconhecidos. Essa história de Chico Rei é um dos sinais de resistência, dentro das dificuldades que eles enfrentaram.” (LIMA, 2008, p. 13). O quilombismo é um conceito emergente com base no processo histórico-cultural da população afro-brasileira.

Portanto, essa luta de resistência caracteriza o movimento quilombista que se faz através da libertação da população negra, afrodescendente, ou seja, vai além de uma luta pessoal e/ou local, pois as práticas racistas, que predominam na sociedade brasileira estão no viés do discurso ideológico do capitalismo que permeia na história cultural dos africanos e afro-brasileiros. Através de uma narrativa histórica, como se fosse um fascículo, Chico-Rei marca os mecanismos ideológicos advindos de uma visão do branco sobre o negro que podem ser debatidos numa mediação interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar.

### **A descolonização do saber na perspectiva da literatura**

O livro sobre o menino Nito refere-se a um personagem negro e que, além das interdições que sofre pela cor da sua pele, passa a sofrer outras interdições por meio de preconceitos e estigmas de uma sociedade machista. A autora teve necessidade de criar este personagem porque se considera negra e, sendo professora, possui muitos alunos negros.

A escritora Sônia Rosa luta por uma literatura antirracista, buscando descolonizar a mente dos pequenos leitores por meio do personagem Nito, no livro *O menino Nito*, escrito em 1988 e publicado em 1995. A escritora recebeu o título de altamente recomendável, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), ao ensino fundamental I, II, na categoria informativo, com a coleção *Lembranças Africanas*. Alguns livros desta coleção e “*O menino Nito*” participam dos programas livros animados do Canal Futura, na série “*A cor da cultura*”. Esses livros são trabalhados nos grupos de leitura pelos professores de todo o Brasil, propondo trocas de experiências sobre a temática étnico-racial.

Segundo Silva (2015), a partir de reflexões importantes de que não só a cor da pele em si, mas os estereótipos perpassam o imaginário social brasileiro, procura-se demonstrar e denunciar o domínio europeu e a colonialidade do poder sobre outros saberes que não os hegemônicos. Como este recorte: “- Então, homem chora, ou não” (ROSA, 2011, p. 2).

O conhecimento e saberes da cultura africana, oriental e indígena não aparecem no contexto escolar, não são considerados relevantes; são excluídos da escola sem questionamentos, por não fazerem parte da ciência ocidental. Na escola, ocorre a negação de uma parte da cultura, sendo admitida a cultura ocidental, que se baseia nos métodos e conteúdo, os quais fazem parte da cultura dominante. A escolarização atual baseia nos pensamentos ocidentais, pois não são aceitas as contribuições de outras culturas. Portanto, a escola baseia-se na filosofia e ciências ocidentais, que carregam as raízes de uma estrutura hierarquizada e excludente. A base fundamenta-se na hierarquia que produz superioridade e inferioridade, tendo como categorias: geográfica, classe, sexualidade, linguagem, etnia e raça (SANT’ANA, 2015).

Nas leituras da narrativa, a sequência discursiva (SD) “mas Nito tinha um probleminha: chorava por tudo. Quanto mais crescia, chorava por tudo”, (ROSA, 2011, p. 5) é colocada sob análise. Quando o menino nasceu, seu pai colocou o nome de Bonito. Com passar do tempo, o menino não parava de chorar e passaram a chamá-lo de Nito. O efeito de sentido produzido relaciona-se com a ideia de que quem chora tem um problema, chorar não pode. Isso é corroborado na SD: “Certo dia, o pai o chamou num canto e lhe falou muito sério: - Nito, meu filho, você está virando um rapazinho... já está na hora de parar de chorar à toa. E tem mais: homem que é homem não chora!” (ROSA, 2011, p. 6).

O enunciado destacado produz um efeito de sentido de que homem não pode chorar, ideia essa que constitui o discurso do machismo que, num passado ainda bastante atual, apregoa que o homem não pode manifestar seus sentimentos, sendo o choro um sinônimo de fraqueza.

Os sujeitos da narrativa são perpassados da formação discursiva das classes dominantes, processo sócio-histórico de construção dos dizeres abordados pela autora, “homem não chora” (ROSA, 2011, p. 6), os quais mostram que pertencem a um grupo de uma determinada época, num dado espaço social, que é uma representação do espaço urbano do Brasil, como um todo que converge na manutenção de uma ordem racista, machista e excludente. O discurso, em movimento com seus interdiscursos, reativa, na memória tanto individual, quanto social e histórica, já ditos e esquecidos, o que não pode ser negado aos alunos da atualidade.

Dessa maneira, faz-se necessário que os conhecimentos sejam trabalhados interagindo com a interculturalidade, conforme a visão de mundo na construção das diversidades para enfrentar a realidade. A escola é formadora dos sujeitos, os quais preparam para aprender com diversas fontes e aceitando as diversidades. A escola precisa abrir espaço para diferentes sujeitos da literatura afro-brasileira, como o livro “O menino Nito”, e não fechar para diversos conhecimentos e opiniões opostos, para que a escola possa descolonizar o saber (SANT’ANA, 2015). Portanto, para que a descolonização do saber aconteça, é preciso incorporar os saberes subalternos na produção do conhecimento; sem essa junção não poderá superar o eurocentrismo que está arraigado no mundo ocidental.

A priori, o letramento é o resultado da ação de ler e escrever, entendendo a linguagem como prática social. “- Depois de quatro bacias grandes e dois baldes cheio, Nito colocou seu choro em dia e ficou curado!” (ROSA, 2011, p. 14). Dessa forma, os sujeitos apropriam-se da escrita, criticamente, com a finalidade de interagirem e agirem nos diversos contextos sociais.” (GARCIA, 2019).

Desse modo, percebe-se que o letramento racial é necessário para construção da identidade da população afrodescendente no espaço escolar, para se construir narrativas sobre as ações afirmativas aos negros. Sendo assim, as narrativas não produzem só fatos negativos, de exclusão sobre os negros, ou seja, criar outras narrativas que mostrem que a história do Brasil é contada por protagonistas diferentes, que são os negros, os quais fazem parte do processo histórico.

O letramento como um todo é um ato político, que constrói os sentidos no combate do racismo no sistema educativo, devendo ser inserido no currículo de práticas antirracistas, para

construção de referências para vida: “- Eu posso, mas eu não sou homem? - Exatamente porque você é homem é que não pode engolir os choros (ROSA, 2011, p. 12). Para tanto, o letramento crítico é uma ferramenta poderosa que envolve os alunos em uma perspectiva crítica, em textos específicos, para fazerem parte de uma análise crítica das práticas sociais.

Por isso, é muito importante que as escolas se comprometam a trabalhar com a lei 10.639/03 e 11.645/08, inserindo a história, a literatura e as culturas africanas, afro-brasileira e indígena em todas as esferas públicas alheias às temáticas étnico-raciais (GARCIA, 2019). Por meio do letramento e da literatura, decorre-se o regaste da identidade do africano, afrodescendente, no contexto histórico, tal qual desconstrução de valores negativos que prejudiquem a população afrodescendente.

### **Considerações finais**

A partir de 1888, ocorre a abolição da escravidão no Brasil, porém, não transcorrem mudanças significativas na sociedade brasileira, ou seja, as transformações não foram suficientes para inclusão da descolonização das sociedades. Portanto, não aconteceu a descolonização do saber, sendo assim, manteve-se os negros e indígenas às margens da sociedade. Estes continuaram sendo excluídos, marginalizados e segregados na estrutura política, econômica, social e educativa.

Dessa maneira, percebe-se que os discursos presentes na literatura infanto-juvenil procuram evidenciar a luta da população afrodescendente pela conquista dos seus direitos políticos, socioeconômicos e socioculturais negados pela classe dominante. Por meio de suas experiências, a civilização afrodescendente tem consciência da discriminação, preconceito e racismo, vigente no sistema colonial, imperial e republicano. Entretanto, esses mesmos discursos podem produzir efeitos de sentidos, em que a população afrodescendente é sujeitada, junto a ideias racistas e preconceituosas sobre sua origem social.

O processo histórico-social da sociedade afrodescendente e africana faz parte do legado da sociedade brasileira, sendo que a classe dominante o coloca em situação de inferioridade. Por meio da literatura, têm-se mecanismos de lutas e a confirmação que predomina uma ideologia racista na sociedade brasileira com discurso capitalista, alimentando a desigualdade social, sendo cada vez mais necessária a resistência do afro-brasileiro. A literatura poderosa é fonte arqueológica, instrumento de luta e resistência no presente e também constrói o futuro.

Portanto, é necessário viabilizar uma educação que respeite as diversidades, contemplando as riquezas de outros povos, sendo importante, neste cenário, a produção literária por escritores afro-brasileiros na construção de uma educação antirracista. Por isso, é fundamental investigar a produção de livros literários no campo editorial, verificando sua abordagem nas questões da diversidade, pensando nos conceitos de raça, racismo e quilombismo. Percebe-se que a literatura infanto-juvenil afro-brasileira permite a formação de um público leitor com uma consciência nacional na valorização do povo afrodescendente, incorporando a história do africano pela perspectiva da população afro-brasileira.

“Como podemos pensar, a partir de nós mesmos, dos povos do Brasil, do contexto sul-americano, do nosso continente indígena, europeu, africano, asiático e de nossa mestiçagem cultural, para crescermos e construirmos um projeto de sociedade viável a partir do que somos? (MORIN, 2009, p. 22). Portanto, as diversidades de diferentes culturas devem ser valorizadas, para proporcionar um diálogo intercultural, que nos permita a tolerância e ética de acordo com uma cultura pacifista. Sendo assim, é necessário ter uma mentalidade igualitária para modificar os pensamentos, em busca de aprender a viver em sociedade, ou seja, procurar a harmonia com o outro, principalmente, de acordo com as suas diferenças diante dos seres humanos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei 11.645/08** de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2004.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasil: Mec. 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CARONIL, F. Beyond occidentalism, Towards nom-imperial geohistorical categories. **Cultural Anthropology**, v. 11, n. 1, p. 51-87, 1996.

COSTA & SILVA, A. **Como os africanos civilizaram Brasil**. In: “Vozes da África”, Biblioteca Entre livros. São Paulo: Duetto Editorial, edição especial n. 06, p. 64-69, março 2007.

GARCIA, C. **Letramento racial um é um ato anticolonialista, explicam Diva Guimarães e Diane Souza**. Disponível em: <http://portal.aprendiz.uol.com.br/2019/10/22/letramento-racial/>. Acesso: 03 mar. 2021.

LIMA, R. **Chico-Rei**. Literatura Infantil e Pluralidade cultural. Coleção: Mistura Brasileira Edição: 3ª p. 32, editora Paulus, 2008.

MUNANGA, K. **Superando o Racismo na Escola**. 2ª edição. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, K. **Educação e diversidade étnico-cultural**: A importância da história do negro e da África no sistema educativo brasileiro. In: COELHO, W. N. B.; MÜLLER, T. M. P (Orgs). Relações étnico-raciais e diversidade. Niterói: Editora da UFF, Alternativa, p. 21-33, 2014.

NASCIMENTO, A. Quilombismo um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. 2º Congresso de Cultura Negra das Américas. **Anais [...]**. Panamá: 1980.

ORLANDI, E. L. P. A análise de discurso: algumas observações. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 2, n. 1, p. 105- 126, 1986.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP. 1998.

ROSA, S. **O Menino Nito**. Editora Pallas, p. 16, 4ª edição, 2011.

SANT'ANA, J. V. B. Descolonização, reinvenção escolar e filosofia escolar ubuntu: urelação possível. **Revista três pontos[...] - Dossiê Conexões Africanas**. v.12, n. 1, p. 5-17, 2015.

SILVA, D. A. Literatura negra brasileira: quilombismo, teoria e práxis. XIV Congresso Internacional Fluxos e Correntes: trânsitos e traduções literárias. **Anais [...]**. Belém: 2015.

SOUZA, F.; LIMA, M. N. **Literatura-afrobrasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. 220p.

MORIN, J. Interculturalidade e descolonização do saber: relação entre o saber local e saber universal no contexto da globalização. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 16, n. 1, p. 7-26, 2009.